

Resultados: Houve uma queda da cobertura vacinal da Tríplice Viral D1 no tempo analisado, de 112,8% em 2014 para 91,6% em 2019, com a menor cobertura em 2017 (86,2%). Em relação à Tríplice Viral D2, observou-se queda de 92,9% em 2014 a 80,2% em 2019, com pior cobertura em 2017 (72,9%). A região Norte apresentou a menor cobertura da 1ª dose dos anos analisados, com menor valor em 2017 (76,2%). Já em relação à 2ª dose, Norte e Nordeste se alternaram com as menores coberturas, com 61,4% em 2017 e 62,9% em 2016, respectivamente. Já a incidência do Sarampo foi decaindo de 2014 a 2015, com 214 casos, zerando nos dois anos subsequentes, voltando a crescer em 2018 com 10.326 casos, sendo 99,2% desses na região Norte, alcançando 15.914 casos confirmados no país em 2019.

Discussão/Conclusão: Por meio deste estudo, constatou-se uma queda importante na cobertura vacinal de Sarampo, principalmente no Norte do país, atingindo as menores coberturas de 1ª e 2ª doses da Tríplice Viral em 2017. Em contraste com isso, a doença até então erradicada no país, voltou a incidir após um surto na região em 2018. Isso ratifica o alerta do Ministério da Saúde acerca dos riscos relacionados à baixa cobertura vacinal, demonstrando a necessidade da ampliação e fortalecimento das ações de vigilância e imunização contra o Sarampo, além de ampla divulgação nos meios de comunicação. O principal viés do estudo é a subnotificação.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101534>

ÁREA: INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS - IST

EP-457

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E O INÍCIO PRECOCE DA ATIVIDADE SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: FRUTO DA DESINFORMAÇÃO



Letícia Selegato Tasso, Rebeca Rolim Ribeiro Martins, Gislaíne Cristhina Bellusse, Nádia Bruna da Silva Negrinho, Reynaldo José S.P. de Souza

Universidade de Franca (UNIFRAN), Franca, SP, Brasil

Introdução: As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), são doenças causadas por microrganismos, como vírus, fungos, bactérias e protozoários, transmitidos por via sexual em sua totalidade e a incidência dessas infecções possui grande importância no âmbito da saúde. Para uma que haja uma efetiva redução na taxa de infectados por IST é necessário prover um maior fornecimento de informação para aqueles que estão iniciando a vida sexual: os adolescentes, os quais estão cada vez mais precoces no início da atividade sexual.

Objetivo: Ressaltar a educação em saúde como estratégia de prevenção das IST.

Metodologia: Tratou-se de uma revisão narrativa da literatura.

Resultados: É notório que a comunicação clara e figurada faz com que os adolescentes acatem todas as orientações que são passadas a eles, afinal quando a informação é passada de maneira didática, esses indivíduos conseguem repassar aquilo

que lhes foi ensinado e aplicar da maneira correta com os meios que possuem. É importante ressaltar que a propagação de IST é mais incidente em populações com baixo poder aquisitivo e baixa escolaridade, por isso a informação acaba sendo escassa na maioria dos casos.

Discussão/Conclusão: A adolescência é um período marcado por várias transições e mudanças tanto comportamentais quanto físicas, descobertas e novas experiências ocorrem cada vez mais e o indivíduo acaba por ficar perdido em algumas situações, por não saber como lidar perante a elas. Conflitos internos se tornam cada vez mais presentes, juntamente com a descoberta do prazer, da sexualidade e de relações mais afetivas com parceiros. Portanto, é nesta fase que as informações sobre todos os fatores já citados devem ser repassadas a esses adolescentes, tendo em vista que o início das atividades sexuais e a desinformação são portas de entrada para a propagação de ISTs. O fornecimento de meios para a comunicação entre os profissionais ou estudantes da área da saúde com esse grupo através de palestras, encontros ou atividades teóricas favorecem uma maior troca de conteúdo e consequentemente abre espaço para uma maior promoção e prevenção da saúde dos adolescentes para as ISTs.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101535>

EP-458

SÍFILIS CONGÊNITA E AS DEFICIÊNCIAS NO SERVIÇO DE SAÚDE QUE CONTRIBUEM NA SUA ASCENSÃO



Gabriel Vinicius Silva de Carvalho, Giovana Milla Oliveira Santos, Thais Akemi Miki, Vitoria Souza Cavalcante, Maria Clara Silva e Crispim, Giovanna Guimarães Biason, Marcella Krawczuk Meluria, Emanuelle Santiago Eufrazio, João Victor da Costa Nunes

Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil

Introdução: A sífilis congênita (SC) é uma doença provocada pelo *Treponema pallidum* e afeta principalmente crianças recém-nascidas. A infecção comum ocorre por via transplacentária com transmissão da mãe para o feto durante o período latente da doença. A gestação durante os estágios primário e secundário comumente produz um natimorto. Na SC precoce, os achados clínicos importantes são hepatoesplenomegalia, prematuridade e lesões cutâneo-mucosas. A SC tardia apresenta manifestações raras e resultantes da doença sistêmica precoce. Recentemente, no mundo, a taxa de SC está em declínio, contudo nas Américas, África e Região Mediterrânea Oriental demonstram aumento na prevalência de casos. Logo, apesar dos avanços no combate a sífilis congênita os resultados estão distantes da meta estabelecida pela Organização Mundial da Saúde.

Objetivo: Identificar os fatores no serviço de saúde que dificultam o controle da sífilis congênita.

Metodologia: Trata-se de uma revisão literária integrativa que analisou artigos científicos indexados nas plataformas Scielo, Pubmed, Medline e Periódicos Capes online, e catalogados com uso dos descritores: sífilis congênita e epidemiologia.

Além disso, foram utilizados Protocolos, Guias, Boletins Epidemiológicos e Cadernos do Ministério da Saúde e livros na área de microbiologia. Entre os artigos, foram escolhidos aqueles entre 2016 e 2020 e com linguagem em português e inglês excluindo aqueles que não demonstrassem tratar da temática referente a sífilis congênita.

Resultados: Segundo a literatura, os fatores mais relevantes para SC são a ausência e o ingresso tardio das gestantes ao acompanhamento pré-natal, além da falta de tratamento e teste imediatos nos encaminhamentos. Além disso, a não adesão ao acompanhamento pré-natal pode estar relacionado a falta de informação sobre os equipamentos de saúde disponíveis e a presença de barreiras que impossibilitam o seu acesso aos serviços de saúde. Por conseguinte, a dificuldade

de identificação de manifestações clínicas maternas devido aos mínimos sinais da SC e a elevada taxa abandono do tratamento, que ocorre com aproximadamente metade das mães diagnosticadas, influencia na prevalência da patologia.

Discussão/Conclusão: A análise dos dados revela que o crescimento de casos de sífilis congênita é impulsionado pela deficitária oferta de assistência pré-natal, insuficiente disponibilidade de testes e o deficiente rastreamento. O diagnóstico tardio e tratamento inadequado são reflexos desses fatores.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101536>